



Cordel: um retrato falado¹

Ádlia Chaves Tavares².

Wilson Carlos Duarte Araújo³.

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira⁴

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, PR⁵.

Resumo

O trabalho tece reflexões a respeito da representação do povo nordestino nos versos da literatura de cordel, manifestação popular típica da região nordeste do Brasil. Para a construção do presente trabalho, utilizar-se-ão textos de autores da literatura de cordel que expõem traços do nordestino pretendendo mostrar que, na medida em que o fazem, tais autores definem o próprio nordestino. O objetivo é trazer à discussão como o Cordel configura a imagem do nordestino e as possíveis conseqüências desse fato.

Palavras-chave: representação; literatura; Cordel; comunicação.

Introdução

A literatura de cordel (LC) é manifestação da cultura popular. Para José Marques de Melo (1998), a cultura popular é a cultura inerente à grande massa populacional que constitui o pólo dos dominados na estrutura da organização social uma cultura de impulso natural, proveniente da sociedade artesanal e que nasceu e enraizou-se no centro das atividades produtivas e diversionais.

Luiz Beltrão, (1967), estudioso das teorias da comunicação, classificou a literatura de cordel como folkcomunicação informativa escrita. Beltrão conceituou folkcomunicação como o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes de massa através dos agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore. No caso da literatura de cordel, os agentes dessa permuta são os cordelistas (escritores de cordel) e o meio ligado ao folclore é o folheto (cordel). Este apresenta suas informações na forma escrita e não oral.

O objetivo é trazer à discussão como o Cordel configura a imagem do nordestino e as possíveis conseqüências desse fato. O nordestino é caracterizado como aquele que

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Estudante de Graduação 3º. Ano do Curso de Jornalismo da UNICENTRO, email: adliatavares@gmail.com

³ Estudante de Graduação 9º. Semestre do Curso de Ciências Sociais da UNB, email: wilson-duarte@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Letras da UNICENTRO, email: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br



gosta de ritmos regionais, pratos típicos da região e cultiva valores que se fazem presentes em todos ou na maioria dos indivíduos e que garantem, por assim dizer, a coesão do grupo sob a mesma identidade nordestina.

O que se quer demonstrar, portanto, é que o cordel aparece como algo constitutivo desta identidade, sendo de fundamental importância para a existência e consolidação desta.

Literatura de Cordel: Breve Olhar

A literatura de cordel chegou aos brasileiros trazida pelos colonizadores portugueses, que a denominavam *folha volante*. No Brasil, as primeiras publicações ainda apresentavam fortes traços da poesia européia, pois não expressavam o novo contexto, mas sim aquele onde se deu o surgimento da LC.

Esses romances trouxeram as figuras clássicas do tradicionalismo medieval. Cavaleiros andantes, paladinos cristãos, virgens fiéis, esposas heróicas, ensinaram as perpétuas lições da palavra cumprida, a unção do testemunho, a valia da coragem, o desprezo pela morte, a santidade dos lares. O folclore, santificando sempre os humildes, premiando os bons, os insultados, castigando inexoravelmente o orgulho, a soberba, a riqueza inútil. Empréstas às suas personagens a finalidade ética de apólogos que passam para o fabulário como termos de comparação e referência. (CASCUDO, 1939, p 07)

Em solo nordestino, a literatura usada no Século de Ouro na Península Ibérica desfrutava das condições necessárias para seu desenvolvimento. Por meio de vários processos sociais e inter-éticos bastante peculiares, ela ganhou novos contornos, coerentes, por sua vez, com tais processos.

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular. (DIÉGUES, 1977, p 06)

A literatura de cordel foi moldada pelo poeta popular nordestino, que trabalhou este veículo de comunicação de forma peculiar, condizente com o seu contexto



particular e com a sua forma de pensar o mundo e a realidade. A poesia popular adquiriu uma fisionomia autenticamente nordestina, e o conteúdo do folheto passou a apresentar aspectos inerentes à realidade do nordeste como quadrilhas, xaxados, reizados, milagres, enchentes, secas, eleições, biografias de personalidades da região. Histórias reinventadas a partir de situações cotidianas e com uma rica bagagem folclórica, ou mesmo textos mais dissertativos, eram escritos sobre fatos verídicos, analisados e comentados pelo poeta popular em seus livretos a fim de registrar acontecimentos e transmiti-los, compondo uma memória histórica.

Ao escrever sobre a tradição popular, descrever cenas do cotidiano nordestino, relatar os valores comuns às pessoas de lá, o cordelista desenha nas páginas do Cordel o próprio nordestino. Ele o caracteriza e confere a este grupo uma identidade própria que fornece um prisma sobre o qual os leitores de suas páginas poderão enxergá-lo

No entendimento do sociólogo Erving Goffman (1963), as interações sociais acontecem orientadas por noções adquiridas anteriormente pelas pessoas quanto ao outro e à relação entre seus atributos e identidades socialmente definidas. Mais precisamente, o autor coloca que temos expectativas quanto às pessoas, pois as enquadrados em categorias sociais de acordo com suas características: "a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias" (Goffman, 1988, p.11). A nossa vida cotidiana é uma encenação de papéis sociais: aquilo que se espera de um filho, de uma mãe, de um pai, de um professor, de um aluno, de um negro, de um branco, de uma mulher, de um homem, de um portador de deficiência etc., e que conhecemos bem pela característica de cobrança das pessoas incluídas nas categorias sociais, tanto por exercê-la em relação ao outro quanto por a termos internalizada e a exercermos em relação a nós mesmo, na medida em que cobramos de nós determinados tipos de comportamento.

Feita esta ligeira passagem pelo autor, podemos então, pensar uma identidade nordestina. No Nordeste, o que se percebe é o nordestino se identifica de acordo com certas práticas e costumes e também de acordo com determinados valores. Todas essas coisas contribuem para o delineamento de uma identidade própria, pois remetem ao significado de *se ser* nordestino.

Nessa mesma medida, o personagem do nordeste se cobra determinados comportamentos e posturas, pois ele mesmo guarda com relação a si próprio alguma expectativa.



O que se quer demonstrar é que, para os nordestinos, ser nordestino significa ter determinados gostos, conhecer certos personagens etc. É, então, uma identidade social, pois define-se pela expectativa que os nordestinos têm de maneira geral quanto àqueles nascidos no Nordeste.

Meu Livro: Retrato do Nordeste

No texto *Meu livro* de Patativa do Assaré, o eu - lírico, usa termos e oralidade característicos do vocabulário nordestino / sertanejo. Mesmo se ele não se definisse como sertanejo, o que não ocorre, reconheceríamos a sua origem.

A obra trata de um discurso sertanejo, que ao longo das rimas pontua características que afirma como louváveis e que ao mesmo tempo definem seus valores.

A característica que se apresenta com mais força em “O meu livro” é a formação simples, isto é, o conhecimento prático, sem a ajuda da escola; a aprendizagem adquirida na lida com os fatos e a realidade. Este conhecimento é colocado num mesmo patamar que o conhecimento erudito ou talvez, até acima deste.

Leandro Gomes de Barros em “Discussão dum pracião com um matuto” comenta o valor deste conhecimento prático:

Não é a “rua” que traz
ao homem inteligência
pois no mato tem nascido
homens de grande eloquencia
onde a rua tem criado
infame sem consciencia
(BARROS, 1957, p.8)

Neste trecho “mato” e “rua” são colocados em oposição, significando respectivamente o lugar do matuto, aquele de vida simples (rústica) e o lugar do pracião, o que possui instrução e erudição. O texto enfatiza o conhecimento simples do matuto, assim como “O meu livro”, primeiro texto abordado.

A religiosidade é outra característica que se apresenta nos folhetos de Cordel. Ela aparece na afirmação dos valores morais cristãos, tais como:

Fé:

Deus é força infinita
É o espirito sagrado
Que tá vivendo e parpita
Em tudo que foi criado



(ASSARÉ, 1988, p. 67)

No livreto de Manoel D'Almeida Filho, “Josafá e Mariêta”, a fé aparece logo no início da poesia:

Nossa existência na terra
é toda cheia de dôres.
Quem luta com fé em Deus
se defende dos horrores,
no fim de toda batalha
é corôado com flôres!
(FILHO, 1955, p. 01)

O cordelista afirma, neste trecho, que a fé em Deus supera os sofrimentos da vida. É a Deus que o sertanejo recorre em momentos de angústia:

Meu Deus, meu
Deus
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
(ASSARÉ, 1986, p.01)

Honestidade:

Num é preciso a pessoa
Cunhecê o beabá
Pra sê honesta e sê boa
E em Jesus acreditá
(ASSARÉ, 1988, p. 67)

Na visão do eu - lírico, a honestidade não tem a ver com erudição ou conhecimento, mas sim com a simplicidade, a humildade para reconhecer que Deus está em todo lugar.

Com a sua simpatia
sua honestidade e brio,
ele criou a Bahia
um ambiente sadio
(ASSARÉ, 2004, p. 255)



No segundo trecho, a honestidade é valorizada e afirmada como um alicerce para a construção de um ambiente próspero e sadio.

Obediência:

Ainda hoje os animá
As orde santa obedece
Sem uma virga faltá
Se alimenta, omenta e cresce
Eles que nada raciocina
Não pensa nem tem razão
Continua sem disorde
Sempre obedecendo as orde
Do Sinhô da criação
(ASSARÉ, 1988, p. 67)

O feiticeiro gritou-lhe:
miserável criatura!
tu não me juraste fé?
não quebres a tua jura
tira aquela grande pedra
ali daquela abertura

Na pedra havia ligado
um anel de ferro grosso
no qual pegou com as mãos
o obediente moço
(ASSARÉ, 2004, p.279)

O nordestino é obediente à vontade de Deus, como percebemos no primeiro trecho. Ele, também, o é quanto à autoridade de seus superiores, podendo se tratar de um patrão, um parente mais velho, etc., ou pessoas a quem ele acredita dever respeito.

- me trata com respeito
que não quero liberdade
com matuto do seu jeito
pois não tenho precisão,
de rebaixar meu conceito
(BARROS, 1957, p.5)

Caridade:

Se todos observasse
A lei da santa doutrina



E um ao outro ajudasse
Como manda a lei divina
(ASSARÉ, 1988, p. 67)

O matuto tem também
com que fazer caridade
aonde muitos na rua
devido a necessidade
quando dão copo d'água
é sempre contra vontade
(BARROS, 1957, p.11)

O nordestino aceita a caridade como ordem de Deus e, ainda que tenha uma vida humilde e repleta de privações, a defende e se mostra praticante desta.

Gratidão:

Será que o home, esse ingrato
Dotado de inteligência
Vendo os bichinho do mato
Com tamanha obediência
Não se sente incabulado
Acanhado, invergonhado
Por não sigui as lição
Da istrada da sua vida
Esta graça concedida
Pelo autô da criação
(ASSARÉ, 1988, p. 67)

Nesta passagem, o eu - lírico aponta que o homem deveria sentir-se compelido a agradecer a Deus pelo dom da vida e seguir seus ensinamentos.

Mas não faça por ismóla.
Faça pêlo coração.
Quem faz o bem se consóla.
Cum o premio da gratidão!
(LUZ, In: www.uel.br/revistas/boitata/)

Nos versos de Zé da Luz, “O Drama do Nordeste”, o sentimento de gratidão é abordado como um prêmio recebido por quem faz a caridade.

Caridade:

Repare que o eguísmo



Não dece prá sipurtura,
E abre um terrive abísmo,
Na alma da criatura!
O eguísimo se méde
Na diferença qui há,
Do triste oiá de quem péde,
Para os óio de quem dá!
(LUZ, In: www.uel.br/revistas/boitata/)

No texto, o egoísmo aparece como falta de caridade e como coisa reprovável.

O homem que não pratica a caridade, assim como o que descumpre qualquer das leis divinas, é condenado por Deus. Além de amar a Deus e seguir a doutrina cristã, o nordestino é temente a ele.

Temor a Deus:

Por causa dessa loucura
Só lá nas vida futura
As arma do Paraíso
Tão sujeita a jugamento
Não se sarva dez por cento
Vai sê grande o prejuízo.
(ASSARÉ, 1988, p. 67)

Nem com a força do vento
a força de Deus não se apaga
e quando chega o momento,
aquele que deve, paga.
(ASSARÉ, 2004, p.248)

Além dos valores cristãos, o personagem do Nordeste assume como seus valores não compreendidos no cristianismo. Um deles é o trabalho:

E com amô insinou
O devê de cada um
Os home pra trabaiá
(ASSARÉ, 1988, p. 67)

Portanto você não fale
do matuto, e pense bem
porque você sem matuto
não comeria tão bem
porque para trabalhar
você coragem não tem
(BARROS, 1957, p.14)



O trabalho é mais que uma obrigação para o nordestino. O trabalhador é reconhecido como inerentemente digno, sendo a atividade do trabalho uma atividade louvável e aplaudível.

Conservadorismo:

Apesar de os trechos abaixo falarem de valores cristãos (a preservação do casamento e da virgindade), pode-se notar um forte conservadorismo nestes e no Cordel de maneira geral, característica que extrapola os limites da moral do cristianismo e recupera o entendimento mais tradicional da sociedade acerca de algo.

Dispois criaro o divorço
E cum a lei desse troço
Acabô de desgraça
(ASSARÉ, 1988, p. 67)

A luz branca e singéla,
Tinha a tristêza de um ai!
Da môça qui foi donzéla
E véve inganando os pai!
(LUZ, In: www.uel.br/revistas/boitata/)

O cordelista se mostra resistente a comportamentos e atitudes desafiadoras do modelo de sociedade vigente. Defende as formas mais tradicionais e arcaicas de organização social.

No mato é onde habita
o amor e a caridade
aonde as donzelas colhem
as flores da castidade
a rua é onde se vende
a retalho a virgindade
(BARROS, 1957, p.9)

Neste trecho, o eu - lírico se posiciona no sentido da defesa do “mato”, colocando que lá é onde são praticadas as ações e posturas corretas e, assim, desqualifica a “rua” - que representa a cidade.

O poeta popular utiliza-se do Cordel para divulgar as qualidades da região Nordeste, lugar de sua origem, e de personalidades que se relacionam com a história



nordestina. Desse modo, ele chama a atenção para a importância e singularidade do seu povo e da sua terra.

Juazeiro, eu te saúdo
com o meu verso sertanejo

Cidade de grande sorte,
de Juazeiro do Norte
tens a denominação,
mas tem nome verdadeiro
será sempre Juazeiro
do Padre Cícero Romão.
(ASSARÉ, 2004, p.237)

Note-se que o cordelista Patativa do Assaré emprega letra maiúscula nas palavras para as quais quer dar maior ênfase.

com razão quero falar
nestes meus versos singelos
mas de sentimentos belos,
sobre um grande brasileiro
cearense, meu conterrâneo
líder sensato espontâneo
nosso Antônio Conselheiro.
(ASSARÉ, 2004, p. 255)

A valorização das coisas da sua terra não aparece, necessariamente, de maneira explícita e evidente o suficiente para se passar por valorização.

Zé Caolho, o mais temido
Da região Nordeste
Dá pisa em cabra valente
No Sertão e no Agreste
E não tem quem o enfrente
Por ser um cabra da peste.
(FILHO, 2006, p.01)

Ele considera o Nordeste e toda a sua circunscrição geográfica o único lugar de onde poderia surgir alguém capaz de enfrentar Zé Caolho.

Eu sou Chico Braúna
Não digo palavra im vão
Fala o dotô na tribuna
E eu falo no meu sertão
(ASSARÉ, 1988, p. 67)



Neste trecho, o eu-lírico iguala a “tribuna” ao “sertão”, considerando-o um lugar de discurso tão legítimo quanto aquele. Neste sentido, o eu-lírico supera a desigualdade em termos de *status* e de complexidade entre os dois lugares.

Considerações Finais

Pensando nas colocações feitas até aqui, podemos considerar que o folheto de cordel, tratado neste trabalho como meio de comunicação, importa-se em disseminar a identidade do povo do Nordeste brasileiro: o cordelista - analisado durante todo o trabalho como nordestino - escreve sobre a realidade que o cerca e, ao longo dos seus textos, vai apresentando uma forma característica de enxergar essa realidade, levando o leitor do Cordel - seja ele nordestino ou não - ao contato com seus ideais e crenças. Deste modo, o receptor da mensagem do Cordel é levado a formar certa imagem do povo nordestino - que, por sua vez, repousa na mentalidade do povo nordestino como um todo na forma de "identidade". Neste trabalho, percebemos que essa identidade - imagem formada - é de um povo religioso, temente a Deus, seguidor da moral cristã, humilde, conservador e que ainda que passe por privações e sofrimentos, ama suas origens, a terra onde nasceu e sua cultura. Percebe-se, portanto e como se pretendeu demonstrar aqui, que o Cordel extrapola em muito os limites das letras e versos: ele expõe algo de muito mais profundo, que desce à alma de um povo e à maneira como se pintam os acontecimentos e fatos no interior desta.

Referências bibliográficas

ASSARÉ, Patativa do - **Antologia poética; organização e prefácio de Gilmar de Carvalho**. - 3. ed. rev. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

ASSARÉ, Patativa do - Ispinho e fulô - **Fortaleza, Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto/Imprensa Oficial do Ceará, 1988**.

ASSARÉ, Patativa do - **Cante lá que eu canto cá** - 6ª ed. Crato, Fundação Ibiapana / Instituto Cultural do Cariri / Editora Vozes, 1986.

BARROS, Leandro Gomes de - **Discussão dum pracião com um matuto** - Juazeiro, PE, 1957.



BELTRÃO, Luiz.- **Folkcomunicação. In: Teorias da Comunicação: paradigmas latino-america**no - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASCUDO, Luiz da Câmara - **Dicionário do Folclore Brasileiro** - 2ª ed. - Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1962.

CURRAN, Mark J. - **A Literatura de Cordel** - Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.

DIÉGUES Jr, Manuel - **Literatura de cordel** - 2ª ed. - Rio de Janeiro, RJ: MEC, 1977.

FILHO, Manoel D'Almeida - **Josafá e Mariêta** - Juazeiro, PE, 1955.

FILHO, Olegário - **A Grande Luta de Lampião com Zé Caolho e o Cangaceiro Caga Pão** - 1ª ed. - Caruaru, PE : JA Artes Gráficas, 2006.

GOFFMAN, Erving - **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**- 4ª ed. - Rio de Janeiro, LTC, 1988.

LUZ, Zé da - **O drama do Nordeste. In:** <http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-1-2006/Artigo%20Erica.pdf> - Página da internet acessada dia 11 de maio de 2007.

MELO, José Marques de - **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos** - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.